

A singeleza das brincadeiras das crianças indígenas

Depois da apreensão do vôo de duas horas no mono motor que nos levava ao Parque Nacional do Xingu, Mato Grosso – fomos rodeados pelas crianças que corriam em algazarra na direção do avião que pousava.

Desde então, meus olhos ficaram encantados. Aquele enorme espaço aberto de terra batida vermelha, rodeado pelas grandes ocas cobertas de palha era simplesmente fascinante.

Tudo chamava a atenção: os corpos nus, a língua Karib, para nós, incompreensível; as mulheres em volta do fogo ao assar o peixe, ferver o caldo da mandioca ou fazer o beiju; as pequenas aberturas das ocas que não permitiam a entrada de praticamente nenhuma luz. Dentro delas, somente o fogo no centro daquele espaço amplo e muito alto é que podia ser visto de dia e de noite. Só com a ajuda de lanternas conseguíamos ver o que estava ao nosso redor e nos locomover. Em pouco tempo, no entanto, estávamos acostumados. Comíamos e nos vestíamos na penumbra que se contrastava com a intensidade dos raios de sol do lado de fora, naqueles dias de céu profundamente azul, sem uma pequena nuvem sequer.



Durante os poucos dias que passamos entre os índios meu olhar privilegiou as crianças; isto se explica porque elas estavam de férias da escola e circulavam com alegria e total liberdade por toda a aldeia. Em muitos momentos era possível observar as mais velhas e os jovens ajudando os menores; isto significava incluí-los nas suas brincadeiras mesmo que com menor participação.

Na maioria das vezes se reuniam sentadas no chão de terra construindo ou utilizando algo improvisado para brincar. Subir e descer do trator estacionado entre as ocas ou correr atrás de um tatu já era motivo de muita risada.



Pela manhã, rondavam os fogareiros esperando assar o beiju preparado pelas mulheres e o peixe trazido pelos homens que logo cedo iam pescar.



Mesmo na época fria do inverno, as mulheres da aldeia costumavam acordar antes do amanhecer para irem à lagoa se banhar, lavar alguma roupa, buscar água quando necessário. Nos dias que passamos lá a bomba d'água não funcionava, pois o gerador de força estava quebrado. Durante o dia eram mais os homens, os jovens e as crianças que se dirigiam à lagoa para tomar banho: “Vâmo banhá?”

Era um prazer ver a alegria das crianças brincando nas águas e nas areias das lagoas.



Como estas eram distantes do centro da aldeia não era raro, e sim incrível, ver uma criança pequena pedir colo à outra pouca coisa maior. Revelava-se ali, entre as próprias crianças, os laços de afeto e da colaboração mútua próprias da vida e da cultura da tribo.

CRIANÇAS E ADULTOS, NATURALMENTE JUNTOS

O beiju e o peixe são a base diária da alimentação da tribo. O processo de preparo tomava conta de todo o visual da aldeia, pois,



a maioria das mulheres adultas está envolvida na sua preparação.

No caso do beiju, a mandioca necessita ser plantada, colhida, descascada, ralada e espremida. A massa que resulta é colocada para secar e só depois disto é assada. Durante quase o todo o dia as mulheres estavam às voltas com este processo.



Curioso era ver meninas de diferentes idades participando de alguma forma.

Até as bem pequenas, à sua maneira, brincavam de imitar a mãe que amassava a massa. Vendo como se faz, vão naturalmente aprendendo como fazer e, aos poucos dominar as habilidades necessárias neste preparo. Era difícil identificar, no entanto, em que momento as meninas ao adquirem estas habilidades, deixam de brincar para efetivamente contribuir nas tarefas da mãe.



Mesmo sem a presença dos adultos as crianças, em especial as menores, também podiam ser vistas tentando reproduzir, espontaneamente, tarefas dos adultos como pescar, lavar roupa, entre outras.

Outro exemplo interessante aconteceu com seis meninos de três ou quatro anos que brincavam juntos em cima de um tronco. Agrupando-se em fila e entre poucas palavras começaram a dançar tentando imitar com muita semelhança os sons da boca e os passos ritmados da



dança dos homens que tivemos a honra de assistir dias antes.

Um pequeno arco com flecha sem pontas podia ser visto nas mãos de um menino menor ainda. Depois de algumas tentativas ele, orgulhosamente, venceu o desafio de aprumar a mira. Mesmo sem nenhum referencial à sua frente sabia o que queria fazer e mostrar.



Por meio da construção de pequenos brinquedos, entre eles, os que lançam pedacinhos de madeira, as crianças podem compreender a lógica de mecanismos simples.

Ao atirar pedras com um estilingue sabem que é necessário treinar até conseguir acertar um alvo e também que é possível caçar um pequeno animal.



Muitos utensílios que estavam à mão integravam várias brincadeiras como as de “encher e esvaziar” que tanto entretêm as crianças pequenas nas suas explorações.

Nossa! Quanta coisa acontecia.

As crianças nesta comunidade convivem livremente com adultos. Observam, escutam, sentem tudo ao seu redor.

Aprendem, naturalmente, lado a lado. Juntos são protagonistas e testemunhas da transmissão, da produção e das transformações da sua cultura.



QUANDO O RISCO É CRESCIMENTO

Alguns comportamentos das crianças eram muito marcantes, pois pareciam querer reforçar as diferenças culturais



que nos tomavam a todo o momento de surpresa. Nestas horas mesmo que com inquietação, só nos era dada a possibilidade de observar.

Uma criança bem pequena, entre dois a três anos, no máximo, andava sozinha pela vastidão do campo central da aldeia. Nenhum adulto e nenhuma outra criança por perto. Afastava-se, calmamente, sem chorar, sem chamar por ninguém. Que sentimentos estariam movendo este longo e solitário caminhar numa criança tão pequena? Como eu não era a única pessoa que podia vê-la, mesmo de longe, entendi que qualquer que fosse o motivo aquilo parecia estar inserido na maneira livre que as crianças da tribo costumam crescer e, por isso, não causava, aparentemente em ninguém, nenhum tipo de “pré-ocupação” ou necessidade de interferência.

As crianças aparentavam ter cinco e sete anos, ele e ela brincavam de pescar. O menino tinha como linha de pesca, uma cordinha de nylon. Na ponta desta, uma lâmina de barbear amarrada servia de anzol e isca. Mais uma vez, as diferenças culturais me tomavam de espanto. O menino arremessava a lâmina e depois de algum tempo a recolhia. Era surpreendente ver que a cada puxada, ele a pegava com todo o cuidado com a mão, para então jogá-la de novo na água.



Os adultos diferentemente de nós, confiam no fato de que mesmo pequenas as crianças aprendem olhando, experimentando se machucando. E mesmo que se machuquem isto não retira delas a possibilidade de continuar. Brincavam ao praticar ou praticavam ao brincar?

Percebe-se claramente ao observar as suas brincadeiras que no seu tempo e conforme o seu desenvolvimento elas, de fato, aprimoram as suas habilidades.



Isto podia ser visto com os meninos um pouco maiores que usavam a faca ao cortar o talo da folha da palmeira Buriti para fazer as suas armas de brinquedo.

A função da faca era clara: ser usada apenas como ferramenta importante. Assim, ao mesmo tempo em que já se via naquelas mãos o domínio de habilidades bem mais desenvolvidas e uma visível capacidade de concentração, percebia-se também naqueles meninos a expressão da satisfação de construir seu próprio objeto de brincar, de produzir algo novo, à sua moda.

E O QUE VEM DO LADO DE FORA?

De um lado, observava-se que as crianças daquela aldeia ainda constroem seus próprios objetos de competir e brincar inspirados nos objetos da sua cultura, entre outros, pequenos arcos e flechas e estilingues que efetivamente caçam pequenos animais e pássaros. São artefatos simplificados, mas com funções bem próximas dos objetos dos adultos.



Por outro lado, podia-se notar a coexistência de diferentes culturas, na brincadeira de faz de conta inspirada nos filmes de TV (esta já era presente em uma das ocas). Neste caso, uma nova geração coloca em sincronia a técnica tradicional da construção de objetos de brincar com novos conteúdos; isto resulta, por sua vez, em novas brincadeiras influenciadas pelo que vem de fora e que são transmitidas pelas crianças entre as próprias crianças.

Além do prazer de fazer e de usar sua própria produção na brincadeira, outro aspecto interessante se revelava: o efeito do “aqui e agora”. Algo que acontece que é imediato e especial apenas naquele instante.



Aquelas mesmas armas construídas por aqueles meninos estavam, algum tempo depois, em outro lugar e nas mãos de meninas que pareciam não estar dando a elas quase nenhuma importância dentro da brincadeira que faziam.

O prazer dos meninos era o de construir e brincar por um determinado tempo. Feito isto abandonavam aquele pedaço de pau que a partir daí parecia não querer dizer mais nada. Uma vez abandonado adquiria outro uso e significado por quem quer o achasse. Para aqueles meninos que abandonaram suas armas, a brincadeira iria continuar, num outro dia ou num outro momento, com outro pedaço de Buriti, em outro duelo e talvez, quem sabe, com outros amigos e em outro lugar.

Alguns pouquíssimos brinquedos industrializados foram vistos: um pequeno triciclo que resistia ao uso e que quase nunca estava sem ninguém, uma boneca velha que



era ninada nos braços de uma jovem moça, uma bola e um jogo dominó.



A trave de gol como em todos os confins deste Brasil, marcava a sua presença bem no meio da aldeia. Eram as bicicletas, no entanto, que faziam a alegria de crianças, jovens e adultos que se movimentavam com elas, de cá para lá, transportando coisas e pessoas. Algumas motos já estavam presentes e eram objetos de desejo daqueles que ainda só tinham bicicleta; atualmente a moto é o bem industrializado mais visível e audível na aldeia; o elo mais comum de aproximação física com a sociedade não índia e com todas as transformações favoráveis e desfavoráveis que isto prevê.



SUTIL MÃE NATUREZA

Embora nós não pudéssemos compreender o que as crianças falavam e elas não pudessem compreender o que nós lhe falávamos foram vários os momentos divertidos e interessantes que passamos juntos. Afinal, brincar e gesticular são linguagens universais! Quando não havia jeito pedíamos a um dos homens da tribo, que na sua maioria falava bem o português, para fazer alguma tradução necessária.

Sem dúvida, os diversos estranhamentos causados pelas diferenças culturais e o contato direto com a natureza me fizeram mais sensível. Ouvi mais, observei mais, percebi mais, me senti mais.

De tudo que vi, ouvi e percebi o mais forte foi constatar o efeito da presença marcante da natureza na vida das crianças da aldeia. Isto era evidente na singeleza das brincadeiras, na alegria estampada no rosto, nas atitudes em relação aos adultos, no respeito mútuo entre as crianças – maiores e menores, meninos e meninas.

Com a falta de chuva a terra batida estava puro pó. Três meninas brincavam de



juntar um tanto desta terra e com a sandália alisavam este monte até que ficasse como um disco bem liso. Neste “papel de pó fino” desenhavam vários pontinhos apenas com a ponta dos dedos. Depois apagavam tudo, repetiam a preparação e desenhavam de novo. Muito curiosa, pedi a um jovem que passava que perguntasse a elas o que estavam desenhando e ele me respondeu: “São os rastros dos bichos

na mata e os das estrelas no céu”.

Suas palavras e cada uma das imagens visíveis e invisíveis voltaram comigo, tocaram diretamente os meus pensamentos e o meu coração.

Maria Cecília Aflalo - Texto e Fotos

Foto “menino lavando roupa”: Justo P. da Silva

São Paulo 11 de Abril de 2011